



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

EDUCAÇÃO COMO SABER PARA EMANCIPAÇÃO

Tamires Dias dos Santos

Universidade Federal Fluminense-UFF

Mestranda em Educação (Bolsista CAPES)

GT: Filosofia política e educação

RESUMO: este trabalho tem por fito refletir a educação, tendo como fundamento teórico o pensamento de Theodor Adorno. Ele endossa que a tarefa principal da educação é impedir que um acontecimento tão iníquo quanto Auschwitz se reproduza. A tópica de tal defesa se expressa enquanto uma necessidade de uma consciência que tenha clareza dos horrores que permitiram a consecução de tal evento histórico para que ele não se repita. Ora, Adorno constata que num interior de uma sociedade capitalista onde se preconiza o individualismo não é possível a realização de uma educação emancipatória. Faz-se mister, portanto, uma prática pedagógica que almeje em última instância a desbarbarização. Para tanto, é necessário o florescimento da criticidade autêntica, que se afirma como um ato de inadaptação, de inquietude.

Palavras - chave: Educação. Emancipação. Theodor Adorno.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende refletir sobre a educação à luz do pensamento de Theodor Adorno, no contexto de uma sociedade que se caracteriza pelo emudecimento da crítica que circunscreve os indivíduos ao fatalismo histórico e ao anonimato político. Esta postura, na prática, oblitera o pensamento singular extirpando dele, portanto, a possibilidade de resistência e da transgressão. É nesse panorama que se insere o estudo sobre a relação da educação crítica em Adorno como interlocutor de uma nova concepção de educação que tem como perspectiva promover a emancipação do homem



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

na dinâmica que ele estabelece consigo mesmo e com o meio sócio-cultural em que esta inserido. Para ele a educação contemporânea está constituída em ideais reacionários que pretendem instrumentalizar os indivíduos preparando-os para o oportunismo profissional que se pauta num individualismo acentuado. Daí se segue que uma educação subjugada aos valores dos poderes dominantes culmina na uniformização dos indivíduos e na perda de sua subjetividade.

Dessa forma, é preciso romper com uma educação constituída como mera apropriação da técnica voltada para a eficácia no currículo escolar e para a eficiência do sistema neoliberal; e fortalecer uma discussão sobre uma educação emancipatória que assuma o processo ensino-aprendizagem como razão de ser da universidade, porque é a partir deste compromisso que é possível construir para além do profissional, o cidadão comprometido com a dignidade da existência humana em sua dimensão singular e coletiva. Nesse sentido, não basta às escolas estarem funcionando, as universidades acumularem conhecimento dia-a-dia e as sociedades receberem todo o tempo profissionais gabaritados, para aturem no mercado, ou seja, educar não deve ser uma ação que se restringe em transformar os educandos em meros eruditos. Do mesmo modo, para Adorno o desenvolvimento científico não garante necessariamente um saber que conduza a realização da democracia. Portanto, a responsabilidade de pensar um mundo menos feio e mais humanizado não significa alimentar uma percepção ingênua da realidade, mas sim conhecer os poderes que se apropriam da história e como utilizar e colocar esses poderes a serviço da tarefa pedagógica: educar o homem para superar a razão meramente instrumental, a atomização dos indivíduos e a fragmentação do saber.

1 Crítica à educação massificadora

Segundo Adorno (1995) repensar a educação numa época que se caracteriza pelo estrangulamento do indivíduo, decorrente de um processo de massificação, com o intuito de seduzi-lo e ganhá-lo para as ideologias dominantes que privilegia o consumo em detrimento do homem, é uma tarefa urgente. A educação contemporânea está constituída em ideais reacionários que pretendem instrumentalizar os indivíduos



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

preparando-os para o oportunismo profissional que se pauta num individualismo acentuado, desconsiderando a possibilidade de transformar a realidade. Daí se segue que uma educação subjugada aos valores da ordem estabelecida culmina na uniformização dos indivíduos, circunscrevendo-os a uma ótica tacanha e rasteira perante a realidade. É precisamente esta massificação que anula a autenticidade dos homens e os fazem reféns da quietude e do acomodamento político, do medo e do fatalismo. Nesse contexto, justifica-se a manutenção do senso acrítico enquanto condição necessária para o emudecimento das consciências e as condiciona a meras imitadoras de uma imagem de existência, previamente ditada pelos anseios da elite.

[...] A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticarem-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas (ADORNO, 1995, p. 159).

As críticas erigidas por Adorno possuem um longo alcance. Para ele uma educação que se submete às prescrições da ideologia dominante faz dos indivíduos seres estreitos, passivos e ingênuos que em nada acreditam além das informações veiculadas pelo rádio, televisão ou jornais. Daí a deficiência da criticidade e, sobretudo, do agir que se compromete com a política e com a transformação social. É esta degeneração da possibilidade crítica que resulta numa interpretação simplista do desenvolvimento político atual que, falaciosamente, se autodenomina democrático. Quanto mais à educação pretende pura e simplesmente preparar os indivíduos para a concorrência profissional, mais se forma uma sociedade de homens dóceis e reféns da quietude. Ao limitar a expansão da criticidade, a educação constrói limites que negam emancipação garantindo, assim, a manutenção do *status quo*.

Nesse sentido, afirma Jean-François Mattéi: “essa educação funcional, comandada por um jogo de procedimentos sociais, econômicos e políticos que se introduzem na escola sob a máscara da pedagogia, permanece alheia ao tempo próprio do pensamento” (MATTÉI, 2002, p. 198). Eis aí o ponto que nos interessa: a educação uma vez negligenciando a autonomia do discente em benefício da eficácia do ensino estritamente atrelado aos interesses do mercado de trabalho seria capaz de promover a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

desconstrução de uma educação autoritária? No prefácio da *Dialética do esclarecimento* Adorno expõe a motivação que levou ele e Horkheimer a escrever a obra em questão: [...] por que a humanidade ao invés de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie [...] (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). Em *Educação e emancipação* Adorno faz a seguinte asserção: [...] a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la [...] (ADORNO, 1995, p. 119). O Intento dessa afirmação é salientar a necessidade de destruir o espectro de Auschwitz para a realização de uma educação para a emancipação e a superação da barbárie. A preocupação de Adorno é pertinente, uma vez que após a segunda guerra e o recrudescimento daquilo que ele denominou de “mundo administrado” a coisificação dos homens tornou-se algo patente.

A indiferença política, mesclada ao individualismo, culmina na fragmentação das relações humanas que caracterizam nosso tempo histórico. É neste panorama existencial que o homem se encontra subjugado ao mutismo político que resulta num processo de adequação, conformismo e subserviência. É nesta condição de anonimato que os homens vivem alheios ao seu contexto histórico, ao invés de integrado a ele. Daí advém a massificação dos indivíduos que, indiferentes às ideologias que se apropriam de suas consciências, tornam-se refratário delas. É, portanto, através da adaptação que os homens são privados da ação transformadora e não se reconhecem [...] Muitos já se resignaram antes mesmo de começar, desvalorizando-se nestes termos frente a si mesmo e frente ao espírito. Percebo em tudo isso a humilhante imposição da realidade que paralisa de antemão qualquer possível resistência [...] (ADORNO, 1995, p. 68).

A substituição da criticidade pelo mutismo é a expressão clara do processo de transformação dos homens em massa. Isto é, da afirmação das forças heterônomas em detrimento das autônomas. Nesse sentido, é também uma tarefa da educação resgatar o indivíduo: priorizar a afirmação de um eu autêntico e crítico ao invés de se empenhar em um esforço autoritário de reduzir o pensamento de todos em modelos dogmáticos para pensar, qual seja, o “esvaziamento do eu”. Desse modo, afirma Adorno:



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

[...] Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprias em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa [...] (ADORNO, 1995, p. 129).

Significativamente, para Adorno a crítica à massificação dos indivíduos corrobora com a denúncia ao “mundo administrado”. Daí que o filósofo alemão identifica uma correspondência entre a homogeneização das consciências e o conformismo. Destarte, de acordo as prescrições da ideologia dominante, quanto mais às pessoas se furtarem da possibilidade do pensamento crítico e se adequarem passivamente a ordem objetiva dos fatos, “[...] tanto mais elas tornarão subjetiva esta impotência [...]” (ADORNO, 1995, p. 36). Nesse sentido, a ordem econômica, permanece compelindo os indivíduos a se adaptarem a lógica autoritária da não-adaptação.

2 Progresso e ilusão

Num mundo subjugado à razão instrumental que preconiza o avanço da técnica em detrimento das necessidades humanas mais urgentes, é possível pensar a realização da educação que seja destinada a emancipação? Ou a educação uma vez confinada no obscurecimento da criticidade jamais poderia reivindicar ações de resistência? Segundo Adorno, a imposição de uma realidade paralisante que reprime quaisquer possibilidades de resistir é fruto da estandardização dos homens. Todavia, emancipar-se frente ao poder esmagador da ordem estabelecida não é uma ilusão. A auto-reflexão e o esforço crítico são dotados por isso de uma possibilidade real, a qual seria precisamente o contrário daquela dedicação férrea pela qual a maioria se decidiu. Esta contraria a formação cultural e a filosofia, na medida em que de antemão é definida pela apropriação de algo previamente existente e válido, em que falta o sujeito, seu juízo, sua experiência, o substrato da liberdade [...] (ADORNO, 1995, p. 69). O recrudescimento do progresso, aliado à falaciosa ideia de um mundo igualitário culminou numa sociedade que, não obstante, a evolução da tecnologia tornou-se “alienada em si mesma”. Justamente porque “[...] a fome perdura em continentes inteiros, embora



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

pudesse ser abolida no que dependesse das condições técnicas para tanto [...]” (ADORNO, 1995, p. 40). Daí uma questão: as promessas do capitalismo que elaboram a ideia de uma liberdade, necessariamente, atrelada ao avanço da técnica, efetivamente edificam a condição de ser livre ou afirmam o seu oposto?

[...] Não sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz [...] (ADORNO, 1995, p. 133).

É precisamente, no ato de adaptar-se, na identificação com o determinado, com a subserviência à ordem estabelecida que resulta num potencial nefasto: o autoritarismo. A imposição à adaptação não só esmaga a possibilidade de autonomia como também salienta a existência de uma democracia que promete a felicidade, no entanto, os indivíduos que nela estão inseridos são indiferentes as suas próprias decisões políticas. Daí que, os sujeitos impotentes somente experimentam a liberdade como ilusão; eles desenvolvem predileção ao abandono da autonomia cuja realização duvidam e se entregam a obliteração da individualidade; enfim da perda do eu. (CF, ADORNO, 1995).

Em *Dialética do esclarecimento* Adorno expõe a expressão “semiformação”. A concepção do indivíduo semiformado, é resultado do conjunto de forças conformistas ou irracionais que são propagadas pela Indústria Cultural que tem por última finalidade moldar as subjetividades. Essa “semiformação” constitui os traços do autoritarismo, que favorece a obliteração do eu, compelindo, assim os indivíduos à adaptação e assimilação das massas. Diante desta condição de negação de si mesmo, Adorno entende que uma educação não pode tornar-se emancipatória se não se compromete com a inserção crítica na realidade. O autor de *Educação e emancipação*, portanto, compreende que uma prática pedagógica libertadora implica na construção de seres emancipados e críticos. Neste sentido a emancipação consiste num esforço consciente e progressivo que o indivíduo se torne capaz de perceber-se a si mesmo como agente transformador da



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

história e não objeto dela. Nesse sentido a educação em Adorno exige inadaptação, ou seja, implica numa percepção crítica e, ao mesmo tempo, desfaz o pensamento ingênuo. Desse modo, Antônio Zuin (1999, p 138) assevera:

[...] uma práxis pedagógica que pretenda ser emancipada e emancipadora não pode se furtar da responsabilidade de promover um clima cultural que favoreça o desenvolvimento de uma identidade autocrítica, de uma proposta pedagógica que permita com que os agentes educacionais experienciem verdadeiramente tanto os vínculos entre si quanto também os fracassos ameados no processo ensino-aprendizagem que podem se transformar em sucesso; que conceda oportunidade de que o aluno e o mestre enfrentem seus medos e percebam que é o trabalho coletivo, que respeite as diferenças, aquele que produz uma individualidade não-patológica [...]

Tal tarefa subversiva implica em apresentar a ação libertadora como finalidade. O indivíduo que vive à mercê dos mandamentos dos poderes estabelecidos não se compromete com essa responsabilidade sobre o mundo, o outro e ele mesmo. Somente o sujeito que assume o seu dever de repensar suas práticas é capaz de transformá-las. Esta tomada de decisão é um ato de inadaptação. É necessário ratificá-la no interior das contradições sociais. Esta ação de revolta, para Adorno, é o que implica numa inserção crítica no seu tempo à medida que o indivíduo não está nele adaptado, mas nele intervindo. Implica na não adesão às visões fatalistas e no reconhecimento da possibilidade de emancipação. Na conferência *Educação – pra quê?* Adorno afirma que a adaptação – condição conformista – resulta num sistema educacional que privilegia a uniformização em detrimento da autonomia individual.

3 Educação: inserção crítica e emancipação

É fundamental precisar que para o pensador frankefurteano, a educação tem uma finalidade: a desbarbarização. Isto é, é necessário contrapor-se a barbarização, inclusive, no âmbito educacional. Ora, numa civilização que permanece no mais alto grau de avanço tecnológico, entretanto, as pessoas alimentam uma “agressividade primitiva”, tornar-se preciso, portanto, urgentemente rediscutir as prioridades da



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

educação. Sendo assim: “[...] é tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade” (ADORNO, 1995, p. 155).

Educar, portanto, não implica em uma ação que condiciona a consciência dos indivíduos, mas que as provoca. A tarefa é então problematizar o conhecimento de modo que ambos – educando e educador – na condição que o unes, enquanto seres históricos desenvolvam suas próprias interpretações e, sobretudo sua inserção crítica no mundo. Nessa perspectiva Adorno não compreende a educação como um processo pelo qual as pessoas devam ser modeladas, uma vez que não é do direito de ninguém formar uma pessoa a partir de seu exterior, tampouco educar é uma tarefa que se realiza através da mera transmissão do conhecimento, cujas características se restringem ao autoritarismo. A educação não só seria questionável como também impotente se mantivesse um caráter de uniformização.

Nesse sentido, “[...] não devemos permitir uma educação sustentada na crença de poder eliminar o indivíduo [...]” (ADORNO, 1995, p. 144). O ato de educar deve sim ter a tarefa de criar uma *consciência verdadeira*. Isto é: a criação de sujeitos emancipados. A educação deve ser uma tarefa de humanização, ou seja, o ato de educar não deve ser um exercício pedagógico que submeta os sujeitos ao conformismo e anulação de seu ser. A educação é deste modo, uma inserção crítica que possibilita ao homem afirmar sua autenticidade. Uma pedagogia da resistência deve suplantar a visão acomodada e fatalista da realidade. Tal pedagogia, visível na inadaptação, promove a luta contra a inautenticidade e a opressão a fim de construir um mundo que não é de uma realidade diferente desta, mas um mundo que revela a própria humanização do homem.

Conclusão

A educação é por excelência um instrumento capaz de promover a emancipação humana. No entanto, a práxis pedagógica atualmente é realizada no sentido de promover o progresso profissional e o *status quo*. Nesse sentido, a emancipação: capacidade crítica e autônoma de interpretar a realidade, isto é, exercer o pensamento, de modo que



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

ele não esteja previamente condicionado pelas prescrições dos poderes dominantes, é a grande tarefa da educação de acordo com Theodor W. Adorno. Logo, o ato de educar não pode efetivamente tornar-se uma ferramenta para a humanização, quando ela se assemelha a Auschwitz, ou seja, um âmbito de autoritarismo.

Desse modo, segundo Adorno, educar não deve se restringir a transmissão de conhecimento, tampouco pretender moldar os indivíduos, mas sim promover contestação e a resistência. O indivíduo massificado: à mercê do instinto gregário exclui de si próprio sua autonomia, habituando-se, assim ao mutismo político. Para Adorno o recrudescimento do progresso tecnológico não foi capaz de promover a emancipação dos sujeitos. Daí uma questão: o avanço da técnica agrilhado aos interesses do capitalismo é capaz de promover a libertação dos homens? Para Adorno a resposta é negativa: não é possível a emancipação numa sociedade que preconiza os interesses financeiros.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 99-138.

MATTÉI, Jean-François. A barbárie da educação. In: MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre i-mundo moderno*. São Paulo, SP: Unesp, 2002, p.183-229.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Indústria Cultural e educação: o novo canto da sereia*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.